A Misericórdia de Deus na Bíblia e no Alcorão:
Similaridades e Diferenças

Marcos Amado

A TRAVÉS DA HISTÓRIA, a falta de um diálogo mais aberto e construtivo tem levado os seguidores do Cristianismo e do Islam a esquecer as similaridades e enfatizar as diferenças entre as duas religiões, levando a desentendimentos sobre a fé de cada um. Cristãos, possivelmente influenciados por uma gama de informações negativas (e muitas vezes tendenciosas) recebidas diariamente pela mídia sobre Muçulmanos e o Islam, tendem a acreditar que Deus, chamado Allah no Alcorão, é um Deus imprevisível, cuja soberania o leva a agir de uma forma totalmente arbitrária, como se justiça e misericórdia não fizessem parte de sua natureza. Ao mesmo tempo escritores Cristãos, cheio de zelo pelo que acreditam ser seu dever religioso, alimentam essa falta de entendimento publicando artigos e livros que apresentam um quadro muito sombrio do Islam, incentivando a ideai que Cristãos estão "em guerra" (quero dizer, espiritual) e devem 'conquistar' terras Muçulmanas com o Evangelho[1].

Na realidade tanto o Islam como o Cristianismo, como duas das mais importantes religiões contemporâneas do mundo, colocam grande ênfase em Deus como sendo o 'Misericordioso'. A Fatiha, o capítulo de abertura do Alcorão, fala da misericórdia de Deus, e cada Sura após isso (com exceção da nona) começa afirman-do que Deus é o "mais Gracioso, mais Misericordioso". Da mesma forma, a Bíblia enfatiza a misericórdia de Deus muito fortemente. Na versão inglesa

Marcos da Silva Amado tem sido missionário no Norte da África 8 anos, depois Presidente da agência PM Internacional por 8 anos mais. Atualmente é pastor de missões na sua igreja em São Paulo.
Tradução: Telcio Green
© 2007 Misiopedia de la edición portuguesa y española.

1 Um bom exemplo de uma peça negativa de literatura Cristã contra o Islam é o livro recentemente publicado por D. Richardson, Secrets of the Koran (Segredos do Alcorão) de 2003. Dois grandes "antídotos" são os livros escritos por dois outros escritores Cristãos, C. Moucarry e C. Mallouhi, que escreveram respectivamente The Search of Forgiveness (A Busca do Perdão) de 2004 e Waging Peace on Islam (Promovendo a Paz no Islam). Moucarry e Mallouhi não negam que existam importantes diferenças entre as duas religiões, mas eles o fazem de uma forma mais respeitosa e construtiva.

KJVA, a palavra misericórdia aparece 119 vezes, com um grande número referindo-se a Deus. O número seria consideravelmente alto se todas as variantes da palavra fossem tomadas em consideração.

Este estudo, portanto, irá fazer uma análise e comparação da misericórdia de Deus nas Escrituras de ambas as religiões e mostrar que, apesar das diferenças, o entendimento Cristão e Islâmico da misericórdia de Deus tem um número de aspectos em comum que, espera-se, ajudará a comunidades Cristãs (a) a ter uma atitude mais tolerante e compreensiva com os Muçulmanos e, consequentemente, (b) ser capaz de apresentar as similaridades e diferenças a eles através de um diá-logo mais amoroso, construtivo e respeitoso.

1. Similaridades e Diferenças

1.1 Definições do conceito.

O fato da palavra *rahman* estar já em uso por Judeus e Cristãos da Península Arábica mesmo antes do tempo de Mohamad[2] é uma boa indicação que o estudo do conceito de Deus como o misericordioso tanto no Islam como no Cristianismo apresentam várias similaridades.

Em ambos os livros o conceito tem um papel central e não é totalmente possível entender Deus em cada religião sem totalmente compreender o que o Alcorão e a Bíblia ensinam sobre sua misericórdia devido à riqueza de toda a extensão do significado que o Islam e o Cristianismo dão a este tópico.

Para os seguidores de ambas as religiões misericórdia, como apresentada nos seus livros sagrados, é percebida como intrínseca à natureza de Deus. Falar a respeito de Deus é o mesmo que falar a respeito do misericordioso. Ele se preocupa com os necessitados e é descrito como olhando toda a raça humana com uma disposição altamente favorável. O fato de algumas das palavras usadas nas línguas originais (Árabe e Hebraico) para descrever a misericórdia de Deus terem a mesma raiz, ajuda a aprofundar as similaridades. As duas línguas são Semíticas, e *rahma* e *hanan* (em árabe) e *raham* e *hanan* (em hebraico) têm significado similar e, junto com seus cognatos, são traduzidos em ambos os livros como compassivo, misericórdia, misericordioso, compaixão, ternura, piedade, etc.

É particularmente importante notar que *rahma* e *raham* são ambas derivadas de uma palavra que significa ventre ou 'nascido do mesmo ventre', permitindo, em ambos os casos, a comparação entre a misericórdia de Deus e a da mãe para com sua criança. Consequentemente, a palavra misericórdia foi também traduzida como docilidade e ternura, numa tentativa de transmitir o lado mais afetuoso da misericórdia de Deus. Exatamente como uma mãe cuidaria das necessidades da criança que depende dela, é implícito no significado de mise-

2 Zwemer diz que " Rahmana foi o nome hebraico favorito para Deus no período Talmúdico e em voga entre os judeus da Arábia. Em monumentos Cristãos achados pelo Dr. Edward Glaser no Iemén, Allah é também mencionado. A inscrição de Sirwah (542 A. D.) começa com as palavras: ' No poder do Todo misericordioso e Seu Messias e o Espírito Santo' . " (Zwemer, 1905:27)

ricórdia que existe um ser superior que de bom grado suprirá as necessidades daqueles que são objeto da sua misericórdia. Apesar dele ser um Deus transcendente, está próximo da sua criação e se preocupa com seu bem estar material e espiritual. Ambas as religiões acreditam que ele é um, infinito, eterno e sustenta todo o universo. Ele está em toda parte e não é limitado por tempo ou espaço. Ele é "todo-presente... todo-poderoso" (Finlauson, edição eletrônica); " Ele é o Primeiro e o Último; o Exterior e o Interior – e Ele tem conhecimento de tudo" (al-Ghazali, citado por Noor al-Deen)[3].

Contudo, existe uma diferença importante que tem implicação direta sobre como a misericórdia de Deus é entendida em cada fé: no Islam, Deus não tem nenhuma emoção. Portanto, sua misericórdia não aparece porque ele sofre como aqueles que sofrem, mas porque ele quer suprir as necessidades daqueles em angústia, por causa da sua própria divindade e por causa dos seres humanos. Ao ser misericordioso, ele não está satisfazendo um desejo interior, como por exemplo o desejo de ter um relacionamento com sua criação. Portanto, se no Islam Deus não tem nenhuma emoção, ele não sofre, o que implica que sua misericórdia não é motivada pela *rikka* (sensibilidade), nem pela necessidade the aliviar o sofrimento causado pela consciência da necessidade de alguém, como pode ser o caso com seres humanos (Gimaret, 1995:398)

O Cristianismo, contudo, baseado no que afirma a Bíblia, tem uma percepção diferente. Deus está emocionalmente envolvido com sua criação e toma a iniciativa de fazer a ponte entre o vazio existente entre ele e os seres humanos a fim de ter prazer neste relacionamento. "Cristãos acreditam que a misericórdia de Deus é igualmente motivada pelo seu compartilhar com os sofrimentos humanos", diz Moucarry (2004:32) e isso pode ser exemplificado pelo que Deus disse a Moisés em Êxodo 3:7: " De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito, tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei quanto eles estão sofrendo."

O mesmo ocorre no Novo Testamento. Deus é apresentado como "Pai de misericórdias e Deus de toda consolação" (2ª Co 1:3). Jesus, a imagem do Deus invisível (Cl 1:15), estava cheio de ternura ou compaixão pela multidão que estava desamparada vagando como ovelha sem pastor (Mt 9:36).

É também importante notar que apesar de ambos os livros retratarem Deus fazendo alianças com os que crêem, a Bíblia mostra uma grande ênfase neste aspecto, e misericórdia deve ser entendida no contexto de uma aliança. Inicialmente YHWH fez uma aliança com o povo de Israel quando eles foram libertos por ele da sua opressão no Egito. Eles deveriam ser seu povo e ele deveria ser seu Deus, e era esperado um compromisso de fidelidade de ambos os lados que participavam deste juramento. No Novo Testamento, através de Jesus, o "nenhum povo" tornou-se povo de Deus e, por extensão, tornou-se parte das promessas anexas à esta aliança.

1.2 Quem se beneficia da misericórdia de Deus e como é manifestada?

Na Bíblia e no Alcorão ele é misericordioso tanto para com os crentes como para

3 Http://www.islamonline.net/english/introducingislam/Belief/Allah?article03.shtml, inserido em 20/04/2004, consultado em 02/08/2005.

com os que não acreditam e, em ambas as Escrituras, existe uma clara diferença de como ele manifesta sua misericórdia para cada um destes dois grupos. Ele é o todo-provedor, independentemente deles estarem entre os fiéis ou não. No Alcorão homens e mulheres são beneficiários da sua misericórdia, mostrada através da provisão do que é necessário para sua subsistência, tal como noite e dia, os animais, chuva, etc. [4]. A Bíblia compartilha o mesmo pensamento: ele é bom para todos e tem compaixão por toda a criação (Sl 145: 8,9). Ele "faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. (Mt 5:45).

Orientação ao longo do caminho correto é também dado a todos os seres humanos como resultado de sua misericórdia. Jesus é retratado em ambos os livros relacionado com a misericórdia de Deus. No Alcorão diz-se que ele é um sinal de Deus, enquanto a Bíblia afirma que ele é o caminho que leva a Deus (Jo 14:6). É dito no Alcorão que Mohamad, em seu papel de profeta, é misericórdia e um presente para toda a raça humana[5] ; livros sagrados são apresentados como instrumentos de orientação e o Alcorão propriamente dito, como revelado a Muhammad, e a Torah como revelada a Moisés, foram dados por Deus para orientação[6].

Contudo, os crentes são aqueles que, em ambos os livros, são apresentados como aqueles que se beneficiarão totalmente de suas misericórdias no senso mais amplo da palavra. Além das já mencionadas provisões e orientação oferecidas a todos, eles também receberão proteção, perdão e salvação. Em ambos os livros estas manifestações da misericórdia de Deus levam à proteção e libertação de diferentes tipos de perigos, perdão no Dia do Juízo e uma vida eterna ressurreta no paraíso ou céu que, em ambos os casos, são apresentados como um lugar onde os crentes viverão em eterna alegria e paz[7]. E em ambas as religiões arrependimento, que é condição sine-qua-non para perdão[8], é algo que agrada a Deus.

4 De acordo com o Alcorão, toda a raça humana é beneficia pela misericórdia de Deus de varias maneiras. Rahma é mostrada como a preocupação de Deus com homens e mulheres através " das provisões de sustento e confortos da vida" (Rahbar 1960:158), porque Allah é "cheio de liberalidade para a humanidade" (10:59-60). Ele criou os animais para o beneficio do homem (16:5-8) e "proveu [a humanidade] com transporte por terra e água; dados a eles para sustento, coisas boas e puras; e conferido a eles favores especiais, acima da maior parte de nossa criação" (17:68-70); noite e dia foram criados para o beneficio do homem como resultado da misericórdia de Deus (28:73). Ele controla a natureza para satisfazer as necessidades dos seres humanos (30:46;48-50). O Alcorão afirma que: " Ele é para com Seus Servos Bem Familiarizado, Vigilante. Ele é O que envia a chuva (mesmo) depois (dos homens) terem perdido toda esperança, e espalha Sua Misericórdia (para longe e amplamente). E Ele é o Protetor, merecedor de todo Louvor" (42:27-28).

5 Jesus é mencionado como um "sinal entre os homens" (19:20-21) e uma misericórdia de Deus. De Acordo com Ibn Kathir Deus, nesta passagem, diz que ele ira fazer Jesus " uma misericórdia de Allah e um Profeta entre os profetas." Da mesma forma, Muhammad é uma misericórdia para todas as criaturas (21:106-107), um presente de Deus.

6 O Alcorão e a revelação dada por Deus para Moisés (" o Livro de Moisés") são também retratados como uma demonstração da misericórdia e orientação de Deus (7:52; 7:153; 46:11-12; 28:43) para " que eles possam acreditar na reunião com o Senhor deles" (6:154-155), isto é, o Dia do Juízo.

7 No Alcorão, ser beneficiado por suas misericórdias significa, entre outras coisas, que eles estarão livres de seus fardos e prosperarão (7:157). Ao comentar esta passagem, Yusuf Ali diz que " no seu sentido geral [prosperidade] significa que conduta certa é a única porta para felicidade e bem estar. Num sentido espiritual significa que Fé e seus frutos (conduta certa) são as únicas portas para salvação" (fn.1130). Eles serão tirados por Deus " das profundezas da Escuridão para a luz" (33:43-44), serão recebidos no dia do Juízo com uma saudação de paz e serão recompensados com " generosa Recompensa" (ibid.). Esta recompensa incluirá elegantes jardins regados de rios e "belas mansões nos jardins de eterna felicidade" (9:71-72) (isto é, Paraíso mencionado no Alcorão como " Sua [de Deus] Misericórdia') e "tudo nele de comida, bebida, roupas, abrigo, prazer físico, luxos e cenas agradáveis, que nenhum olho já tenha visto, nem ouvido tenha ouvido e nunca tenha entrado na mente do homem", a verdadeira alegria e maior de todas as recompensas será " o grande prazer de Allah" que é "a suprema felicidade".

8 Apesar do Alcorão ser muito enfático a respeito da importância de arrependimento, teólogos Sunni,

É importante notar, contudo, que salvação, como um dos resultados da misericórdia de Deus, na Bíblia, é muito mais do que vida eterna no céu. Seu propósito é fazer homem e mulher completos, restaurados ao seus estado antes maculados por pecado. O Êxodo e os eventos de Cristo são dois exemplos principais onde, de modos diferentes, Deus salva seu povo através de atos de redenção manifestados na história. Quando postos juntos, eles mostram que o significado bíblico de salvação inclui restauração econômica, social, espiritual e física. É por isso que o Evangelho retrata Jesus curando aqueles com enfermidades espirituais e físicas e, ao mesmo tempo, muito preocupado com a situação do pobre, do indefeso e daqueles postos em ostracismo pela sociedade. Estes são todos atos de misericórdia de Deus. Consequentemente, salvação começa na terra, e será totalmente efetuada no céu.

Não somente o entendimento de salvação é diferente, mas também a base para perdão e salvação apresenta diferenças importantes. Para Muçulmanos quem acredita será perdoado e receberá a entrada no paraíso (que é também descrito no Alcorão como misericórdia de Deus) se, alem de acreditar em Deus, ele ou ela seguir Muhammad e seus ensinamentos, viver de acordo com os preceitos do Alcorão (que, além de outras coisas, inclui orar regulamente, praticar caridade, fazer o que é bom e manter-se afastado do mal), arrepender-se e pedir perdão por pecados cometidos[9]. Outra forma de receber entrada no paraíso é quando quem crê é "morto, ou morre no caminho de Allah" (3:157), isto é , em jihad. Se estes aspectos forem observados, os que crêem experimentarão misericórdia de Deus sendo colocado sobre eles, e isso terá a forma de livramento de seus fardos, resgate das trevas para a luz e "o bom prazer de Allah"[10] que é "a suprema felicidade"[11]. Portanto, de acordo com o Alcorão, somente aqueles que acreditam e agem de acordo com certos critérios estabelecidos por Deus experimentarão os privilégios da sua misericórdia em sua total extensão. É, portanto, misericórdia merecida e condicional.

Na Bíblia a misericórdia de Deus, mostrada através do seu perdão e salvação, está baseada na fé em Jesus e seu sacrifício expiatório na cruz, e não em boas obras e comportamento reto[12]. É portanto, completamente imerecida. Como no Alcorão, a Bíblia afirma que os que crêem receberão perdão e salvação se eles reconhecerem seus pecados, arrependerem-se e pedirem perdão. Eles também experimentarão livramento, resgate das trevas e desfrutarão de vida eterna no céu na presença de Deus, mas não há nada que humanos possam fazer para chegar mais próximos de Deus e suas misericórdias. É ele que toma a iniciativa. O preço que teve de ser pago já foi pago por Jesus.

No Alcorão não existe nenhum preço a ser pago. Pecado não é inerente à natureza humana. Não existe tal coisa como pecado original, nem a idéia que homens e mulheres nascem pecadores. A natureza do perdão também é diferente. No Alcorão pecados são cobertos (Bakker, 1987:6); na Bíblia, eles são apagados. No Alcorão a humanidade tem que se empenhar para conseguir salvação; na Bíblia salvação foi conseguida por Jesus, e

baseados em uma combinação de passagens do Alcorão e do Hadith, afirmam que Deus, por causa da sua soberania, pode perdoar mesmo se não houver arrependimento. Teólogos Mu'tazili afirmam que arrependimento é necessário para todos os pecados principais.

9 Veja Suras 7:156; 9:71-72.

10 Ibid. Outras traduções dizem " aceitação de Allah" (Pickthall, em http://www.sacred-texts.com/isl/pick/009.htm) e "boa vontade de Deus" (Palmer, em http://www.sacred-texts.com/isl/palm/009.htm)

11 Ibid.

12 Boas obras e comportamento reto, na teologia Evangélica, é tida como parte das vidas daqueles que seguem Jesus, mas não são condições para salvação.

o Espírito de Deus, que habita os corações dos que crêem, e os ajudará a ter uma vida reta. No Alcorão Deus oferece perdão; na Bíblia, ele oferece perdão, reconciliação com ele, regeneração e novo coração.

1.3 A misericórdia de Deus e seu amor

A Bíblia e o Alcorão associam a misericórdia de Deus ao seu amor. No Alcorão Deus é apresentado como "perdoador e o mais misericordioso" e como aquele que ama os que o amam e seguem Muhammad (3:31). Quando se olha para a Bíblia, é impossível definir corretamente a misericórdia de Deus sem mencionar o amor de Deus, porque ambos os aspectos estão estreitamente ligados. Em ambos os livros Deus é mostrado como um Deus que ama os que crêem nele e seguem seus mandamentos, e este amor é mostrado através do que ele faz a favor deles.

Há, contudo, algumas diferenças importantes. Para Muçulmanos, por causa de sua misericórdia, Allah ama aqueles que fazem o bem (2:195), aqueles que se arrependem, aqueles que são limpos (2:222), os tementes a Deus (3:76), os pacientes (3:146), os justos, etc. Em outras palavras, seu amor é condicional, dependendo do comportamento da pessoa. O conceito de amor de Deus para toda a raça humana, contudo, está ausente. "Amor Divino Irrestrito para a humanidade", diz Rahbar, "é uma idéia completamente estranha ao Alcorão" (1960:172). "Portanto, no Islam, o amor de Deus não é expresso diretamente em termos de um relacionamento pessoal; é mediado por seus dons. Deus ama seu povo ao conferir suas bençõs a ele". (Moucarry, 2004:35)

Na Bíblia, contudo, o Deus misericordioso não mostra o seu amor às pessoas por causa do que eles fizeram. É graça. Possivelmente a passagem mais clara na Bíblia que expressa essa verdade é encontrada em Deuteronômio 7:6-9, que diz:

> *Pois vocês são um povo santo para o SENHOR, o seu Deus. O Senhor, o seu Deus, os escolheu dentre todos os povos da face da terra para ser o seu povo, o seu tesouro pessoal. O SENHOR não se afeiçoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o SENHOR os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão, do poder do Faraó, rei do Egito. Saibam, portanto, que o SENHOR., o seu Deus, é Deus; ele é Deus fiel, que mantém a aliança e a bondade por mil gerações daqueles que o amam e obedecem aos seus mandamentos.*

De fato, para Cristãos, Deus tanto amou a humanidade, mesmo em sua condição pecaminosa (Rm 5:8), que ele mandou Jesus para morrer no lugar do mundo (Jo 3:16, 1ªJo 4:9-10). Com Baker afirma,

> *A extensão e profundidade do amor divino é visto mais claramente em Jesus – seu nascimento, vida, ministério, paixão e dom do Espírito Santo. O auto esvaziamento do criador para tomar a natureza humana em Belém; o ministério e cuidado de Jesus com os desprezados, os banidos e os negligenciados; suas parábolas do amor e cuidado do Pai; sua humildade deliberada para suportar a ignominia, vergonha e agonia de sua paixão e morte para levar os pecados no lugar daqueles que o rejeitaram; tudo isso declara em uma voz o assombroso amor de Deus (Fl 2:5-8; Lc 5:27-32; 7:36-50; 15; 1ª Pd 2:22-24) (2000, edição eletrônica).*

Ele não esperou pelas pessoas o amarem. Ele tomou a iniciativa para que pecadores pudessem ser redimidos e reconciliados com ele. Na pessoa de Jesus ele demonstrou seu amor ao envolver-se diretamente com homem e mulher, e não somente através da mediação de suas bênçãos. A palavra hebraica hesed, por exemplo, para comunicar todo o seu significado, foi traduzida como amor, amor infalível, bondade infalível, grande amor, bondade e amor inabalável. É por causa de seu grande amor (hesed) que o homem não é consumido (Lm 3:22). Do mesmo modo, é por causa do amor infalível de Deus ou amor inabalável (hesed) que ele continuamente guiará seu povo (Ex 15:13) e seu amor (hesed) durará para sempre (Sl 136). Em nenhum lugar do Alcorão uma palavra usada para significar misericórdia é traduzida por amor.

Outra importante diferença é que na Bíblia Deus não somente ama, mas ele propriamente é amor. É uma característica intrínseca à sua natureza. Isto não acontece no Alcorão, onde a misericórdia de Deus é mencionada muito mais freqüentemente do que seu amor e não há menção dele sendo amor. De acordo com Rahbar, isto ocorre porque amor implica em algum tipo de "igualdade e reciprocidade num relacionamento" enquanto que misericórdia implica numa certa inferioridade daquele que é o objeto da misericórdia (1960:158). De fato, nem nos noventa e nove nomes de Deus amor ou amoroso aparece como uma de suas características.

Portanto, poderíamos dizer que na Bíblia Deus é misericordioso porque ama; no Alcorão ele ama porque é misericordioso. Isto significa que na Bíblia o amor de Deus é de importância fundamental, e tudo flui deste amor, enquanto no Alcorão misericórdia tem primazia sobre o amor. Se a interpretação de Nettler sobre o conceito de misericórdia de Deus de Ibn Arabi estiver certo, "sua misericórdia tem o estatus ontológico mais alto como doador da existência de todas as coisas, Sua ira inclusive" (1978:224).

1.4 Sendo misericordioso um para com o outro

Como resultado da misericórdia de Deus, Muçulmanos e Cristãos são exortados pelos seus livros sagrados a mostrar misericórdia para aqueles em necessidade. Sura 76:5-10 afirma que o justo "alimentará por amor de Allah, o indigente, o órfão e o cativo" (v.8), e eles farão tal coisa não esperando qualquer retribuição dos humanos. Já os cristãos, de acordo com a Bíblia, devem mostrar compaixão para aqueles em aflição, incluindo o órfão, a viúva e o estrangeiro.

O conceito de 'emprestar ao Senhor' quando se ajuda ao necessitado é achado em ambos os livros. Aqueles que são bons ao pobre, diz a Bíblia , "emprestam ao Senhor" (Pr 19:17). Sura 73:20 exorta aos crentes a "estabelecer Oração regularmente e fazer Caridade regularmente; e emprestar a Allah um Empréstimo Belo. E qualquer bondade que enviardes para vossas almas achá-la-eis na Presença de Allah".

Outra similaridade entre as duas fés é o conceito de que aqueles que não são misericordiosos terão que enfrentar punição quando julgados por Deus. O livro de Tiago afirma que aqueles que não mostram misericórdia serão julgados sem misericórdia (2:13), enquanto a Sura 2:254 insta aos que crêem a "gastem (as doações) que Nós temos lhes dado, antes de vir o Dia quando nenhuma barganha (auxiliará), nem amizade, nem inter-

cessão. Aqueles que rejeitam a Fé, eles são os que fazem o mal." Do mesmo modo, Muçulmanos são encorajados a não permitir:

> *Que suas riquezas ou seus filhos os desviem da lembrança de Allah. Se alguém agir assim, a perda é dos próprios. E gastar alguma coisa (em caridade) da substancia que Nós temos conferido a vós, antes que a Morte venha a qualquer um e ele deve dizer: " Ó meu Senhor! Porque não me destes descanso por um pouco? Então eu teria dado (largamente) para caridade, e eu teria sido um do que fazem o bem". (63:9-11)*

Possivelmente a principal diferença ente o conceito de mostrar misericórdia para outros no Islamismo e no Cristianismo é o fato de Cristãos, diferentemente dos Muçulmanos, serem instados a ser misericordiosos tendo o próprio Deus como exemplo de misericórdia (Lc 6:36), o que coloca uma alta expectativa sobre os Cristãos.

1.5 A Soberania, Justiça e Misericórdia de Deus

Existem passagens diferentes na Bíblia e no Alcorão que, dependendo de como são interpretadas, podem dar espaço para conclusões totalmente opostas sobre como a soberania, justiça e misericórdia de Deus interagem. No Alcorão, por exemplo, Deus causa a quem ele desejar seguir o mau caminho (7:155), ele pune quem ele deseja (7:156), ele mostra seu favor somente para aqueles a quem ele escolhe para mostrar sua misericórdia (42:8) e perdão é dado a quem lhe agrada (3:128-129).

O mesmo acorre na Bíblia. Em Êxodo 33:19 Deus diz que: "e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer." Em Rm 9:16 o apóstolo Paulo afirma que o favor de Deus não "depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus que usa de misericórdia." O que estas passagens bíblicas parecem comunicar é muito semelhante ao que é achado nas passagens do Alcorão mencionadas acima.

Portanto, pelo que estas passagens mostram, a conclusão poderia ser que na Bíblia e no Alcorão a soberania de Deus prevalece sobre sua justiça e misericórdia. Será que isso é realmente verdade? Na realidade, tudo depende de qual chave hermenêutica é usada.

Como já observado em seções anteriores, Cristãos e Muçulmanos tem evidência suficiente em seus livros sagrados para capacitá-los a tirar a conclusão que estas passagens devem ser balanceadas com outras passagens que demonstram os atributos de Deus, antes de chegar a uma conclusão final. O Alcorão mostra Deus dizendo que: " Vosso Senhor gravou para Si mesmo (a regra de) misericórdia" (significando que ele determinou permitir sua misericórdia prevalecer) e perdoará, por causa da sua misericórdia, aqueles que sinceramente se arrependem e corrigirem sua conduta (6:54). A Bíblia diz que: "Bondoso e compassivo é o Senhor, tardio em irar-se, e de grande benignidade" (Salmo 145:8). Ele é abundante em misericórdia, e "mantém seu amor a milhares e perdoa a maldade, a rebelião e o pecado." (Ex 34:7). Estes são fortes indicadores que, de fato, de acordo com a Bíblia e o Alcorão, por causa de sua misericórdia, sua justiça será satisfeita, porque na sua soberania ele decidiu assim.

É aqui, contudo, que teólogos dos dois lados não concordam entre si.

A tentativa de alcançar equilíbrio correto entre a misericórdia, soberania e justiça de

Deus é uma questão que tem dividido teólogos Muçulmanos em dois grupos: os Sunni, acreditam que a ênfase deve ser na soberania de Deus, e os Mu'tazili, que são da opinião que a ênfase deve ser na justiça de Deus. Se ele é soberano, os teólogos Sunni dizem, ele "tem o direito de perdoar ou punir como ele escolher" (Moucarry, 2004:46); mas para os Mu'tazili, cada pessoa deve receber o que ele ou ela merece. Deus "recompensará fé e obediência" e punirá pecado (ibid.); portanto, a ênfase é colocada na sua justiça. Em ambas as posições parece haver pouco espaço para misericórdia.

Contudo, a posição Mu'tazili parece estar mais de acordo com o que o Alcorão ensina sobre a Misericórdia de Deus. Depois de um exame minucioso das passagens relevantes no Alcorão, Rahbar conclui que a justiça divina é enfatizada, e não a severidade ou falta de segurança (1960:179). Ele não acredita que Allah é retratado no Alcorão como um "soberano cujo amor e misericórdia são caprichosos... que é mais freqüentemente inclinado a ser mal-humorado do que a perdoar" (ibid.). Ele não é um Deus 'manhoso'. Apesar de ser soberano, ele também é justo; ele pune cada mal adequadamente, mas é misericordioso para com os que seguem seu caminho, até o ponto que as boas obras serão recompensadas em porção dobrada ou mesmo mais (4:40). Portanto, sua justiça e misericórdia podem estar em total concordância com sua soberania porque aqueles que se arrependem de suas más obras e pedem perdão, na medida em que ele é um Deus misericordioso, serão perdoados. Na sua soberania ele decidiu agir de acordo com sua misericórdia, e porque ele é justo ele não punirá aqueles que andam em seus caminhos e fazem o bem, mas somente os que fazem o mal e não se arrependem[13].

A posição Sunni é aparentemente mais difícil de reconciliar com a visão do Alcorão que tem sido mostrada até aqui, devido ao fato de que, por causa da sua soberania, Deus "tem o direito e o poder ou de perdoar ou de condenar qualquer pessoa independentemente das suas obras" (Moucarry, 2004:56). Talvez esta seja uma das razões que eles acreditem que exatamente por causa da sua soberania, ele decidiu que Muçulmanos, se condenados, irão ao paraíso depois de pagar por seus pecados no inferno[14].

A mesma tensão ocorre em círculos Cristãos. Por um lado existe o Calvinismo, defendendo a visão que Deus, na sua soberania, realmente terá misericórdia de quem ele desejar, salvando aqueles que ele escolhe para ser salvos. Por outro lado existe o Arminianismo, que basicamente tem a postura que:

> *Eleição foi subseqüente a graça. Deus decreta salvar todos os que se arrependem, acreditam e perseveram. A Eleição é condicional à resposta do homem, dependente do pré-conhecimento de Deus da sua fé e perseverança. A possibilidade de um crente verdadeiro cair da graça totalmente e cabalmente e perecer não é negada. Consequentemente, não poderia haver nenhuma segurança da salvação final. Além disso, Deus dá graça suficiente para aquele homem que venha a acreditar em Cristo, se ele quiser. Sua vontade é livre. Ele pode acreditar ou pode resistir à graça de Deus.*

13 Um hadith bem conhecido diz que " Allah, o Exaltado e Glorioso, declara: Aquele que vem com bondade, existe em estoque para ele dez como aqueles e até mais do que aqueles. E aquele que vem com vício, é somente para aquele que ele é chamado para prestar contas. Eu até mesmo o perdôo (como eu desejo) e aquele que se achega a Mim na distância de um palmo, Eu me achego a ele pelo cúbito, e aquele que se achega a Mim pelo cúbito, Eu me achego a ele pelo espaço (coberto) de duas mãos, e aquele que anda para Mim, Eu corro para ele, e aquele que Me encontra no estado que seus pecados enche a terra, mas não associando nada Comigo, Eu O encontraria com a mesma (vastidão) de perdão (no meu nome)". (Muslim, vol.4, Livro33, no.6499, pág. 1413).

14 Esta crença está baseada num Hadith registrado por Bukhari, vol.1. Livro2. Cap. 34, no. 42.

(Letham,2000, edição eletrônica).

Portanto, de acordo com esta visão, Deus não escolhe alguns para ser salvos e permite que outros pereçam. Em vez disso, ele conhece previamente aqueles que irão acreditar. Ele não deseja que nenhum se perca (2ª.Pd 3:9); ele quer que todos os homens sejam salvos (1ª.Tm 2:4) e isso é possível através de Jesus, que é a propiciação dos pecados do mundo todo (1ª. Jo 2:2). Desta maneira, a misericórdia de Deus, mostrada através do perdão, está disponível a todos os que se arrependem de seus pecados e colocam sua fé em Jesus.

A posição Calvinista, onde uma grande ênfase é posta na soberania de Deus, não cabe facilmente no padrão de pensamento ocidental moderno. Contudo, parece estar mais em acordo com as evidências bíblicas. Deus é justo e o pecado será punido. Ao mesmo tempo ele é soberano e, em sua soberania, ele escolhe mostrar sua misericórdia de maneiras que podem não ser facilmente entendidas. "Este antinomio contém um mistério que nosso conhecimento presente não pode resolver", diz Stott, "mas é consistente com a Escritura, história e experiência" (19994:270).

Portanto, ambas as Escrituras afirmam que Deus é soberano, misericordioso e justo. Em ambas as Escrituras haverão aqueles que serão salvos e aqueles que serão perdidos, de acordo com o que Deus determinou. Da mesma forma, perdão é prometido aos seguidores de ambas as religiões que se arrependem e consertam seus caminhos. Em ambas as Escrituras ocorrerá justiça, mas equilibrada com misericórdia, porque em sua soberania Deus decidiu fazer assim.

Existe, contudo, uma diferença principal: diferente do Islam, a justiça de Deus no Cristianismo não é satisfeita por arrependimento e boa conduta por parte do crente. Como anteriormente mencionado, de acordo com a Bíblia todos pecaram e merecem, como punição, morrer. A Humanidade não pode se reconciliar com Deus se seus pecados não forem limpos, e isso não é possível através do próprio esforço do homem e da mulher. Portanto, Jesus sofreu e morreu para pagar pela penalidade advinda da rebelião da humanidade, fazendo propiciação pelo pecado. A justiça de Deus foi satisfeita. Na sua misericórdia, ele forneceu a solução. Aqueles que serão soberanamente salvos o serão porque Jesus pagou o preço.

Portanto, com relação à questão da misericórdia de Deus, pode ser dito que os elementos mais básicos (básico no sentido de fornecer os fundamentos, e não de ser menos importante ou simplista), em ambos os livros, são similares, mas a Bíblia vai um passo adiante apresentando um Deus que, por causa de sua misericórdia, está mais perto de suas criaturas, ama incondicionalmente e toma a iniciativa de fornecer os meios para salvação, em vez de depender dos esforços humanos.

3. Conclusão

O principal objetivo deste estudo foi mostrar algumas das similaridades e diferenças entre a misericórdia de Deus na Bíblia e no Alcorão, esperando que as similaridades possam ser um ponto de partida útil no dialogo Cristão-Muçulmano, que permitiria que as diferenças

fossem comunicadas de uma forma mais positiva e construtiva Em outras palavras, que pontes de paz e confiança seriam construídas[15].

Um profundo entendimento de uma outra fé (no caso do Islam, uma fé que está tendo um forte impacto no mundo atual) é, por si mesmo, uma importante atividade missiológica que pode aprofundar as possibilidades de um dialogo inter-fé frutífero. Se a consciência das similaridades entre a misericórdia de Deus na Bíblia e no Alcorão puder ajudar, num nível pessoal, aqueles que seriamente buscam comunicar a fé Cristã com Muçulmanos de uma forma mais informada e respeitosa , este estudo terá mais que alcançado seu objetivo.

Um dos problemas, contudo, é que a palavra "dialogo" entre Cristãos, algumas vezes causa reações diferentes e confusas. Isto ocorre principalmente devido a definições diferentes que as pessoas tende a dar para a palavra. Aqueles com uma persuasão Cristã mais tradicional tendem a acreditar que evangelismo e não dialogo, deveria ser a única palavra usada porque, no seu ponto de vista, diálogo pode levar ao comprometimento de alguns princípios centrais da fé. Contudo, isso não precisa acontecer. Quando se dialoga, não existe necessidade de negar ou evitar o fato que Cristãos acreditam que Jesus é o filho de Deus, que ele é Deus, que ele é o salvador que morreu na cruz pelos pecados da humanidade, ressuscitou, ascendeu ao céu e que ele vai voltar. Todavia, ao saber que alguns destes aspectos são sensíveis para Muçulmanos, não existe razão para começar com estas questões difíceis, quando existem pontes que levarão à um entendimento inicial melhor e também construirão confiança entre os interlocutores[16].

Portanto diálogo, da forma que é proposto aqui, significa falar com Muçulmanos de uma forma que não será pejorativa nem carregará um número de preconceitos e idéias errôneas que certamente levarão à falta de confiança entre os envolvidos; em vez disso, gerará a oportunidade de se compartilhar a fé em sua mais completa forma, com mente aberta para aprender e de um modo que pode ser claramente entendida por Muçulmanos.

---

15 O conceito de 'construir pontes' em estudos missiológicos não é novo e está intimamente ligado à contextualização. Phil Parshall, no seu livro New Paths in Muslim Evangelism [Novos Caminhos em Evangelismo Muçulmano] (1980) sugere um número de "pontes teológicas para Salvação" (pag.127) mas não sem enfatizar, do inicio, que uma ponte, se não for construída levando-se em conta fatores diferentes (tais como estudar o terreno, escolher o material correto e cuidadosamente estimar os custos envolvidos) "pode ser um exercício de futilidade – ou ainda pior, um total desastre" (ibid.). Ele usa esta analogia para afirmar que "atenção e energia inadequadas têm sido usadas para construir pontes de salam [paz]" (ibid.) com Muçulmanos. Se pontes de paz forem cuidadosamente construídas, o diálogo Cristão-Muçulmano ocorrerá de uma forma muito mais produtiva.

16 Na opinião de Moucarry, diálogo e missão não devem ser vistos como dois conceitos opostos, mas complementares: " Missão sem uma aproximação baseado no diálogo é irrelevante, estereotipado, e talvez prejudicial; diálogo sem uma perspectiva de missão é um exercício acadêmico, superficial e complacente... [Através do diálogo missionário] as pessoas aprendem a reconciliar coisas que muito freqüentemente estão desassociadas: fé com humildade, verdade com amor, religião com liberdade, crença na vida após a morte com compromisso com a vida antes da morte". (2001:20). "Portanto" continua Moucarry "diálogo entre Cristãos e Muçulmanos é um negócio sério... Ser politicamente correto, ignorância ou relativismo teológico podem levar a um acordo superficial entre nos. Num debate com confronto, por outro lado, pode-se correr o risco de causar antagonismo, que impediria a busca da verdade. Somente amor, demostrado através de relacionamentos genuinamente pacíficos, pode criar as condições necessárias para a verdade emergir e compreensão mútua ser desenvolvida" (ibid. pág. 21).

3.1 Algumas implicações missiológicas

Tendo estes aspectos em mente, e observando as similaridades e diferenças, mesmo o leitor casual rapidamente compreenderia que a lista de similaridades é bastante expressiva. Isto não significa que as diferenças sejam poucas, ou sem importância. De fato, elas representam algumas das diferenças centrais entre Islam e Cristianismo. Apesar disso, isso não deve impedir o fato que, quando dialogando, crentes das duas fés poderiam facilmente achar um número de bases comuns que poderiam levar a uma melhor compreensão de ambas as crenças.

Em ambos os livros misericórdia é apresentada como sendo intrínseca à natureza de Deus. Ele é misericordioso com toda a raça humana e expressa sua misericórdia de forma especial para os crentes. Por causa da sua misericórdia ele oferece direção pelo caminho correto, resgata os crentes da escuridão, protege e livra de situações perigosas. Ele oferece perdão e salvação, que levará a uma vida ressurreta eterna, onde paz e felicidade serão uma constante realidade. Ele ama os crentes e em ambos os livros exorta-os a praticar atos de misericórdia um para com o outro; se eles não forem misericordiosos, eles sofrerão as conseqüências no Dia do Juízo. Ele não é um Deus volúvel, mas age de acordo com sua soberana vontade, que o leva a ser e justo e misericordioso ao mesmo tempo.

De nenhuma maneira isto poderia ser considerado um mal começo do diálogo Cristão-Muçulmano. Na verdade, alguns dos principais aspectos do entendimento Cristão da misericórdia de Deus poderiam ser totalmente apresentados usando-se um número de versos do Alcorão usados neste trabalho, tais como: " A Allah pertence tudo que há nos céus e na terra. Ele perdoa aquele que Lhe agrada e pune aquele que Lhe agrada; mas Allah é o Perdoador, o Mais Misericordioso" (3:128-129); " Deus nunca é injusto nem de forma mínima: Se existe qualquer bem (feito) , Ele o duplica, e dá de Sua própria presença uma grande recompensa" (4:40).

Uma vez que uma base comum seja estabelecida e confiança construída (baseado numa atitude verdadeiramente humilde e de aprendizado) as diferenças relativas aos meios e o significado do perdão e salvação, bem como a forma que a justiça de Deus é satisfeita de acordo com ambos os livros, pode ser apresentada. Neste ponto o amigo Muçulmano pode ainda não estar disposto a aceitar o ponto de vista bíblico, mas possivelmente ele ouvirá com uma atitude mais favorável. De especial importância pode ser o fato que a Bíblia ensina que a misericórdia de Deus é mostrada de uma forma mais pessoal, através do seu envolvimento direto com a humanidade através da história e especificamente através do advento de Jesus, e salvação e vida eterna, apesar de retratada no Alcorão e na Bíblia como o resultado da sua misericórdia, são concedidos devido a fatores diferentes.

Está implícito neste modo de atuar o fato que os Cristãos que decidem seguir esta linha de ação terão que por de lado (se já não o tiverem feito) a percepção comum que Allah é um Deus vingativo e imprevisível, enquanto na Bíblia Deus é apresentado apenas como misericordioso e cheio de amor. É verdade que existem passagens no Alcorão que podem dar a idéia de um Deus feroz, mas isso também acontece com a Bíblia. Em Deuteronômio 7:2, por exemplo, Deus dá um mandamento claro a respeito das nações conquistadas por Israel: "e quando o SENHOR, o seu Deus, as tiver dado a vocês, e vocês as tiverem derrotado, então

vocês as destruirão totalmente. Não façam com elas tratado algum, e não tenham piedade delas." Isto significa que o Deus da Bíblia não é misericordioso? Como foi mostrado, este não é o caso.

Ao mesmo tempo, é importante para os Cristãos aceitar que ambos os livros apresentam desafios quando se tenta reconciliar sua misericórdia, justiça e soberania. Há forte evidência mostrando que o retrato de Deus no Alcorão é de um Deus misericordioso que é justo e soberano, e não de um Deus soberano que age de forma totalmente arbitraria. Apesar disso, como na Bíblia, o caso poderia também ser discutido de um modo diferente, dependendo de como o processo hermenêutico acontece. Deve-se tomar cuidado, então, quando julgarmos como Deus é retratado no Alcorão.

Se os Cristãos reconhecerem que mostrar misericórdia não é uma característica somente dos Cristãos, e aceitarem que misericórdia genuína pode ser mostrada por aqueles de outras fés (como os exemplos de Rute e Raabe no Velho Testamento, e o Bom Samaritano no Novo), poderá haver importantes implicações. De fato a Bíblia e o Alcorão exortam os crentes a mostrar misericórdia aos que vivem em pobreza, aos que estão em necessidade de proteção e aos que estão socialmente no ostracismo. Muçulmanos e Cristãos poderiam não apenas estar envolvidos em projetos sociais, mas poderiam fazê-lo juntos, mostrando na prática o que seus respectivos livros sagrados proclamam. Se houver uma atitude mais compreensiva entre líderes Cristãos e Muçulmanos, seguidores de ambas as fés poderiam ter um impacto significativo resolvendo algumas das principais injustiças sociais do mundo, sem ter que comprometer sua fé.

Cristãos poderiam também aprender outro aspecto relacionado com a misericórdia de Deus no Alcorão: jihad. Claro que não existe doutrina bíblica que justificaria um Cristão sacrificar sua vida e, ao mesmo tempo, matar outros para cumprir um certo alvo religioso ou político. Contudo, Muçulmanos que realmente levam avante estas ações, na maioria dos casos o fazem por causa da crença que entregar a sua própria vida na causa de Deus garantirá que sua misericórdia, na forma do paraíso, seja outorgada sobre ele ou ela. Mesmo se alguém considerá-los errados, eles o fazem para agradar a Deus e conseguir salvação. Cristãos, cujo exemplo mais alto está em Jesus, que sacrificou sua vida não para matar, mas para salvar outros, deveriam também desejar " lutar e se esforçar ao máximo" (9:20-22), mesmo que isso significasse dar as suas vidas em favor de outros.

Muçulmanos podem também achar útil pensar sobre a misericórdia de Deus como apresentada no Alcorão. Se a misericórdia de Deus, no seu livro sagrado, é tão importante e os crentes são exortados a ser misericordiosos, deveria-se perguntar o porque da pena capital ainda ser levada a cabo em vários países Muçulmanos e Allah ser visto por muitos não Muçulmanos como um Deus vingativo. Ao mesmo tempo, Muçulmanos radicais deveriam perguntar-se se existe um lugar para terrorismo e matança de pessoas inocentes quando seu "Senhor é o mais perdoador, cheio de Misericórdia" (18:58).

Bibliografia

Ali, A. Y. *The Holy Qur'an - Translation and Commentary* (Islamic Propagation Centre International, 1993).

Amir-Ali, H. *The Message of the Qur'an Presented in Perspective* (Tokio: Charles E. Tuttle Company, 1974).

Baker, J. P. "Love of God" no *New Dictionary of Theology* (electronic ed.), Ferguson, S. B.; Packer, J. (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2000).

Bakker, D. "The Concept of Rahman in the Psalms and in the Qur'an" no Bulletin on Islam and Christian-Muslim Relations in Africa (vol. 5:1, 1987), pp. 1-7.

Brueggemann, W. *Reverberations of Faith – A Theological Handbook of Old Testament Themes* (Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2002).

Bukhari *Sahih*, M. M. Khan (translator), vol. 1(Beirut: Dar Al Arabia, 1985.)

Sahih, M. M. Khan (translator), vol. 8 (Beirut: Dar Al Arabia, 1985).

Carra de Vaux, B. "Basmala" in *Encyclopaedia of Islam* (2nd. edition), vol. 1, H. A. R. Gibb et al (eds.), (Leiden, Netherlands, E. J. Brill, 1979), pp. 1084-1085.

Clark, G. R. *The Word Hesed in the Hebrew Bible* (Sheffield, England: JSOT Press, 1993).

Cragg, K. *Readings in the Qur'an* (London: Collins Liturgical Publications, 1988).

Concise Oxford Dictionary, The (Oxford: Oxford University Press, 1996).

Ellingworth, P. "Forgiveness of Sins" no *Dictionary of Jesus and the Gospels*, J. B. Green, S. McKnight, I. H. Marshall (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press: 1992), pp. 241-243.

Finlayson, R. A.; "God" no *New Bible Dictionary* (electronic edition of 3rd. ed.), D. Jensen, P. F. R. W. Wood and I. H. Marshall (eds.), (Downers Grove, Illi nois: InterVarsity Press, 1996).

Gardet, L. "Allah" no *Encyclopaedia of Islam* (2nd. edition), vol. 1, H. A. R. Gibb et al, (eds.) (Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 1979), pp. 406- 417.

Garland, D. E. "Mercy" no *The International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 3, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eedermans Publishing, 1986).

Al-Ghazali, A. H. *The Ninety-Nine Beautiful Names of God* (Cambridge, UK: The Islamic Texts Society, 1995).

Gimaret, D. "Rahma" na *Encyclopaedia of Islam* (2nd. edition), vol. 8, C.E. Boswor th et al (eds.), (Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 1995), pp. 398-399.

Les Noms Divins en Islam (Paris: Les Éditions du Cerf, 1988).

"Shirk" na *Encyclopaedia of Islam* (2nd. edition), vol. 9, C. E. Bosworth et al, (eds.), (Leiden, Netherlands: Brill, 1997), pp. 484- 486.

Goodrick, E. W; *The NIV Exhaustive Concordance* (Grand Rapids, Michigan: Ko hlenberger III, Zondervan Publishing House, 1990). J. R.

Hoad, J. W. L "Mercy" no *New Bible Dictionary* (electronic edition of 3rd. ed.), D.R. W. Wood; I. H. Marshall, I. H.(eds.), (Downers Grove: InterVarsity Press, 1996).

Holy Bible, The King James Version (Electronic edition of the 1769 edition of the 1611 Authorized Version.). (Oak Harbor, Washington: Logos Research Systems, 1995).

Holy Bible, The New Revised Standard Version (electronic ed.), (Nashville, USA: Thomas Nelson, 1996).

Holy Qur'an, The [E-book] <Http://www.sacred-texts.com/isl/htq/> (25 June 2005)

Ibn Kathir, H. *Tafsir Ibn Kathir* [e-book] <http://www.tafsir.com> (28 June 2005).

Jenni, E.; *Theological Lexicon of the Old Testament*, vol. 2 (Peabody, Westermann, C. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1997)

.

Kassis, H. E. *A Concordance of the Qur'an* (Los Angeles, California: University of California Press, 1983).

Kepel, G. *The Roots of Radical Islam* (London: Saqi Books, 2005).

Letham, R. W. A. "Arminianism", *New Dictionary of Theology* (electronic ed.), S. B. Ferguson; J. Packer (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2000).

Liefeld, W. L. "Salvation", *The International Standard Bible Encyclopaedia*, vol. 4, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eedermans Publishing, 1988), pp. 287-295.

Mallouhi, C. A. *Waging Peace on Islam* (Mill Hill, London: Monarch Books, 2000).

Marshall, A. *The Interlinear KJV-NIV Parallel New Testament in Greek and English* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1975).

Martens, E. A. *God's Design – A Focus on Old Testament Theology*, 2nd edition, (Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1994).

Mawdudi, S. A. *Towards Understanding the Qur'an*, vols. 1-5 (Leicester, England: The Islamic Foundation, 1995).

Meiklejohn, J. W. "Compassion", *New Bible Dictionary* (electronic edition of 3rd. ed.) D. R. W. Wood; I. H. Marshall, I. H. (eds.), (Downers Grove: Inter-Var sity Press, 1996).

McAuliffe, J. D. *Qur'anic Christians – An Analysis of Classical and Modern Exegesis* (Cambridge: Cambridge University Press, 1991).

Morris, L. "Mercy", *Dictionary of Paul and his Letters,* G. F. Hawthorne et al (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1993), pp. 601-602.

Moucarry, C. *The Search for Forgiveness – Pardon and Punishment in Islam and Christianity* (Leicester, England: Inter-Varsity Press, 2004).

Pardon, Repentir, Conversion – Étude de ces concepts en Islam et de leurs équivalents bibliques (PhD Thesis, École Pratique des Hautes Études, Paris, 1994).

Faith to Faith – Christianity and Islam in Dialogue (Leceister, England: Inter-Varisity Press, 2001).

Muslim *Sahih*, vol. 4 (New Delhi: Kitab Bhavan, 1982).

Nettler, R. "Ibn Arabi's Notion of Allah's Mercy", Israel Oriental Studies, vol. 8 (1978), pp. 219-229.

Noor al-Deen "Both Transcendent and Immanent" [web page] <http://www.islamonline.net/english/introducingislam/Belief/Allah/arti cle03.shtml>, posted on 20/04/2004 (02 August 2005).

Palmer, E. H. *The (meaning of the) Qur'an* [e-book] <http://www.sacred-texts (transla tor) com/isl/palm/index.htm> (16 June 2005).

Parshall, P. *New Paths in Muslim Evangelism – Evangelical Approaches to Contextuali zation* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1980).

Pickthall, M. M. *The Meaning of the Glorious Quran* [e-book] http://www.sacred-(translator) texts.com/isl/htq/ (17 June 2005).

.

Qutb, S. *In the Shade of the Qur'an* (Leicestershire, England: The Islamic Founda tion, 2002, vols. 1-7).

Rahbar, D. *God of Justice* (Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 1960).

Rahman, F. *Major Themes of the Qur'an* (Chicago: Bibliotheca Islamica, 1980).

Reid, W. S. "Atone", *The International Standard Bible Encyclopedia,* vol. 1, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eedermans Publis hing, 1979), pp. 352-360.

Richardson, D. *Secrets of the Qur'an – Revealing Insights into Islam's Holy Book* (Ventura, California: Regal Books, 2003).

Rippin, A. *Approaches to the History of the Interpretation of the Qur'an* (Oxford: Clarendon Press, 1988).

Stott, J. R. W. *The Message of Romans* – The Bible Speaks Today series (Leicester, UK: InterVarsity Press: 1994).

Stuart, D. K. "Steadfast Love", *The International Standard Bible Encyclopaedia,* vol. 4, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eeder mans Publishing, 1988), pp. 613-614.

Tabari, A. J. M. *The Commentary on the Qur'an, vol. 1* (Oxford: Oxford University Press, 1987).

Towner, P. H. "Mercy/Compassion", *New Dictionary of Biblical Theology* (electronic ed.), T. D. Alexander; B. S. Rosner (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2000).

Turner, G. A. "Love", *The International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 3, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eedermans Publis hing, 1988), pp. 173-176.

Van Gorder, A. C. *No God but God – A Path to Muslim-Christian Dialogue on God's Nature* (Maryknoll, New York: Orbis Books, 2003).

Vine, W. E. *The Expanded Vine's Expository Dictionary of New Testament Words,* John R. Kohlenberger III (ed.), (Minneapolis: Bethany House Publishers, 1984).

Watt, W. M. "The Chronology of the Qur'an: Bell's Introduction to the Qur'an"[web

page] <http://www.truthnet.org/islam/Watt/Chapter7.html> (02 June 2005).

Williams, D. J. "Mercy", *Dictionary of Jesus and the Gospels,* J. B. Green et al. (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press: 1992), pp. 541-543.

Younger Jr., K. L. *The NIV Application Commentary of Ruth* (Grand Rapids, Michigan: Zondevervan, 2002).

.

Wright, C. J. H. *Deuteronomy* - New International Biblical Commentary- (Massachu setts: Hendrickson Publishers, 1996).

Zwemer, S. M. *The Moslem Doctrine of God* (New York: American Tract Society, 1905).

* * * * * *